

PARA O NOVO PRESIDENTE.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,

Professor Emérito das Universidades Mackenzie, Paulista e Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo e do Centro de Extensão Universitária - CEU.

Temos um novo presidente. Não votei nele e tenho dúvidas se acumula experiência necessária para conduzir o país. O eleitorado brasileiro não compartilha de minhas dúvidas e, por expressiva maioria, demonstrou confiar no carismático líder sindical.

Passada a campanha, chegou o momento de sepultar mágoas, ressentimentos e excessos verbais, para o bem do país.

Estou convencido de que o presidente eleito precisará do apoio nacional. Todos os brasileiros devem colaborar para que faça um bom governo. A verdadeira democracia é aquela em que as divergências são transferidas do plano pessoal para o institucional, com respeito às idéias contrárias que o amadurecimento político exige.

O certo, todavia, é que todo o início de governo deve merecer por parte dos opositores o voto de confiança necessário para que seja bem sucedido.

À evidência, cabe também ao novo presidente não frustrar aspirações.

De início, tendo sido eleito num processo democrático, seu compromisso é respeitar a Constituição e entender que a Constituição está acima de qualquer diploma legislativo emanado do Congresso ou do Executivo. O desrespeito à Constituição, no governo Collor, gerou violenta reação desde o princípio (bloqueio de cruzados), terminando por afastá-lo mais cedo do Poder. Eleito sob o pálio constitucional, cabe, pois, ao Presidente, em primeiro lugar, respeitar a lei suprema.

Deve saber escolher, por outro lado, sua equipe.

Se sua habilidade política corresponder ao carisma transmitido ao eleitorado, poderá atrair, das diversas correntes eleitorais, elementos de valor, que possam colaborar com sua gestão, visto que seus próprios quadros partidários, em governo de consenso nacional, são insuficientes para suprir todos os cargos disponíveis e de confiança da Administração Pública.

Se conseguir superar o radicalismo daqueles que continuam a ser áulicos da revolução do ódio, da vingança e do mau trato à lei, certamente terá maiores condições de governar, pois às oposições restará apenas discutir questões institucionais, e não a luta intransigente para evitar o risco da ruptura democrática.

O mais importante, todavia, é sinalizar com rapidez, a política econômica. Senti, em recente viagem à Europa, que do ponto de vista político, o apoio que receberá das grandes nações será total. Quanto ao suporte “econômico governamental”, os países desenvolvidos darão razoável sustentação. Em relação ao mercado, todavia, que gira o grosso da dívida nacional, há, ainda, sérias reservas e é a este mercado que deve o Presidente demonstrar, com uma equipe econômica competente, que respeitará a lei, os contratos e não aumentará a vulnerabilidade do país.

É de se lembrar, que, apesar de tudo, nunca as contas externas, no governo FHC, apresentaram resultado tão favorável, com um “déficit” situado entre 11 e 14 bilhões de dólares (já chegara, em anos anteriores, a 35) e um saldo na balança comercial superior a 10 bilhões!!!

Creio que todos devam apoiar o novo governo, com espírito de vigilância para apresentar críticas necessárias, pois, muitas vezes, os melhores amigos são aqueles que criticam com consciência, mais do que os que elogiam para agradar.

De minha modestíssima pessoa, terá o apoio que desejar, desde que respeite a Constituição e o direito de todos pensarem livremente sobre o que é melhor para o país. Afinal, sou cidadão e o presidente está a serviço de 170 milhões de cidadãos.

São Paulo, 23 de outubro de 2002.

IGSM/mos/A2002-106 PARA O NOVO PRES